

A natureza profunda do Pluralismo, chave do Convívio, viabilizador da Paz¹

Ralf Rickli
<http://ralf.r.tropis.org>

As tentativas de paz que causam a guerra 1

A virtude da divergência em Edgar Morin e no taoísmo 3

A unidade abrangente que não destrói: Heráclito, de Cusa, Goethe, Lupasco 4

Do Pluralismo ao Convívio: conceituação e abrangência 5

O Convivialismo, o entendimento steineriano de Cristo
e a Filosofia Relacional de Martin Buber 6

Referências 10

AS TENTATIVAS DE PAZ QUE CAUSAM A GUERRA

Neste trabalho que pretende ser antes de mais nada uma exposição da Filosofia e Pedagogia do Convívio para em seguida poder propor sua aplicação à questão da Educação Parental, a própria noção de convívio anda foi abordada apenas de modo fragmentário. Parece conveniente, portanto, que se tenha uma exposição em pouco mais ampla e consistente disso como conclusão da parte geral e ao mesmo tempo um prelúdio cujos ecos possam seguir ressoando através da parte específica.

Disse no capítulo 1.5 que na década de 1980 todas as minhas palestras e cursos, não importa sobre o que fossem, começavam com uma exposição sobre o pluralismo. Naquela época em que, embora já menos densa, ainda se fazia consideravelmente presente a sombra de um apocalipse nuclear (cf. 1.1), isso era acompanhado da seguinte justificação: “se começarmos por aprender o pluralismo, teremos todo o tempo do mundo para buscar meios de nos pormos de acordo sobre as outras questões; se quisermos começar com as outras, é provável que acabemos com o mundo antes de chegar a qualquer conclusão.”

Havia nisso, na verdade, um esforço contínuo de me haver com a fala mais perturbadora que ouvira da mestra Judy Hurley (1.4) – algo como: “O problema não é o conflito, o problema é *querer acabar com o conflito*. Essa é a tragédia *do Ocidente*.”

¹ O tom acadêmico deste texto se deve a tratar-se do capítulo 1.13 da monografia de pós-graduação *Aos que podem salvar o mundo: a Filosofia e Pedagogia do Convívio e seu apelo por uma nova consciência & arte dos pais* (RICKLI 2009), também disponível na íntegra em <<http://www.tropis.org/biblioteca/aosquepodemsalvaromundo.pdf>>. A versão original, na monografia, não contém subtítulos: estes foram acrescentados nesta separata com a finalidade de facilitar a leitura. Já os capítulos ou seções mencionados se referem a outros trechos dessa mesma monografia.

Confrontada com nossa perplexidade – inclusive porque sabíamos de sua história como ativista do movimento pacifista estadunidense – concluiu: “A guerra não é o conflito: guerra é precisamente a tentativa de acabar com o conflito.”

Vinte e cinco anos mais tarde eu registraria os seguintes passos de raciocínio:²

1. Se apresentarmos o seguintes par de proposições: “*O mundo não está suficientemente bom no momento em que vivemos*” e “*É preciso ou pelo menos desejável que alguma coisa mude (isto é, que se faça ou que se deixe de fazer alguma coisa) para que o mundo fique melhor*”, tão poucas pessoas discordarão que podemos falar de unanimidade universal.
2. Se perguntarmos “*o que deve mudar para que o mundo fique melhor?*”, seguramente obteremos milhões de respostas diferentes, quem sabe bilhões.

O primeiro julgamento é a *única* unanimidade da humanidade (a quem pensar que é exagero, pedirei que me apresente outra). Ele é um julgamento sobre o ponto em que se está, não sobre o que fazer. Podemos ter como imagem disso uma grande multidão com os pés apoiados num único ponto. A questão seguinte se refere a qual deve ser o primeiro passo a ser dado a partir dali, mas já no planejamento de qual seja esse passo (não é preciso chegar nem mesmo à execução) toda unanimidade se foi – e não será mais reencontrada para nenhuma questão.

Esse primeiro círculo em torno do ponto de partida é uma espécie de triturador. Toda proposta que se lance, por melhor que seja, encontrará oposições e terá sua importância pulverizada ao tentar atravessar esse círculo.

Já calejada com isso, a humanidade se encontra como que paralisada à espera de concordância suficiente para empreender algo em conjunto³ – mas essa concordância nunca virá. Qualquer proposta de como realizá-la será motivo de mais discordância.

Só há uma forma de a humanidade escapar dessa paralisia: *deixar de esperar por concordância*; aceitar que a discordância generalizada é o estado natural da vida humana, e aprender a fazer o melhor possível dele, sem combatê-lo.

Em 2008 sumariei assim a questão, no *Manifesto do Pluralismo Radical*:

² São mencionados aqui apenas os passos principais, sem a análise detalhada de possíveis exceções que se encontra no texto original, de modo que não surpreenderá que se encontrem objeções fáceis. Veja-se RICKLI 2008a:2.1.

³ Esse é o tema de meu trabalho *Bendito eixo no bendito caos – ou: em busca de um critério para o caos-de-critérios atual* (RICKLI 2007a).

Quem espera que união e entendimento mútuo tragam a felicidade ao mundo, esse pode desesperar sentado.

Mas a felicidade está sim ao nosso alcance: através do *respeito* mútuo *incondicional*, independente de entendimento e de união.

Só a multiplicidade nos une, e é só por sermos todos diferentes que somos todos iguais. (RICKLI 2008b)

Espero ter com isso “digerido” o desafio deixado por Judy Hurley, entendo-o e expressando-o ao meu modo – substituindo por “discordância” ou “divergência” a palavra “conflito”, que ainda não me cai bem.

A VIRTUDE DA DIVERGÊNCIA EM EDGAR MORIN E NO TAOÍSMO

Recentemente creio ter encontrado posição parecida na “dialética sem síntese” defendida por Edgar Morin (2002). De início a expressão choca, e quase todos pensam de imediato “Mas por que isso? Síntese é uma coisa boa!” Mas Morin fala disso numa coletânea iniciada com textos de quando era um marxista “de carteirinha” nos anos 50, e concluída com outros em que discute o que se deveria preservar do marxismo, o que se deveria superar. E aí ele sugere que o fato de Marx haver embasado sua teoria na dialética de Hegel, que busca a síntese, foi responsável pelos maiores erros e atrocidades do movimento comunista – mesmo se descontarmos o caso de puro cinismo que foi o do stalinismo, que se apresentava como *a síntese* em que as contradições sociais do passado se haviam resolvido!

Também o taoísmo (e com ele essa sua associação com o budismo que é o zen, no qual Judy se havia aprofundado) apresenta um mundo em que yin e yang se contrapõe, dançam um com o outro, interferem um no outro, e com isso a dança muda perpetuamente de forma, mas um jamais extingue o outro – e nem sequer eles se *neutralizam* mutuamente: aqui e ali se equilibram momentaneamente, mas voltam a se desequilibrar. Caso se neutralizassem de modo duradouro, isso seria o mesmo que parar no ponto médio entre inspirar e expirar, com os pulmões com ar pela metade, e achar que essa seria, finalmente, a situação ideal... A definitiva “paz”.

Mas se yin e yang não carecem de síntese é porque na verdade *já a têm* – não como destino e sim como *origem*: yin e yang são os dois braços do Tao – e não é casual que a metáfora escolhida seja “braços” e não “faces”, pois deve expressar ação criadora. Se yin e yang se recolhessem à sua síntese tudo deixaria de existir, haveria apenas o Tao como um potencial imanifesto – aliás, haveria mesmo? Isso já é especulação teóri-

ca: por nossa experiência só conhecemos o Tao – a Unidade – através da diversidade, como a coerência que intuímos por trás da multiplicidade dos fatos.⁴

O mais interessante nisso é perceber que **a criação se dá sempre pela divergência, não pela síntese: quem atua pela síntese é a destruição!** Com isso não estou dizendo que não deve haver síntese: ela *também* é parte necessária à, digamos, política de coerência do todo. Haveria tanto em erro em pensar “a diversificação é o bem e a síntese é o mal” quanto em “a diversificação é o mal, a síntese é o bem”. Pode-se antes dizer que a *tentativa de unilateralidade* é o mal: causa disfunção, doença, sofrimento desnecessário.

Em todos os casos encontraremos o bem no estado do *convívio dos diferentes* (por exemplo entre as próprias tendências de diversificação e de síntese), com *interação* entre esses diferentes mas sem destruição das suas diferenças.

A UNIDADE ABRANGENTE QUE NÃO DESTRÓI: HERÁCLITO, DE CUSA, GOETHE, LUPASCO

Um pensador do século XX que chegou à mesma concepção trabalhando apenas em termos de lógica, sem derivá-la de nenhuma tradição, foi o rumeno Stéphane Lupasco (ver NICOLESCU e BADESCU 2001), cujo modo de pensar é o que viabiliza os desenvolvimentos posteriores de Edgar Morin. Nos termos de Lupasco, o Tao é o “Terceiro Incluído”, um termo que surge por tratar-se não da contestação mas sim da superação de uma das leis fundamentais da matriz maior do pensamento ocidental – a lógica de Aristóteles – que é o Princípio do Terceiro Excluído. A lógica de Lupasco não nega a validade desse princípio enquanto se permanece entre elementos de hierarquia igual: o Terceiro Incluído não é um elemento da mesma natureza dos outros e sim uma categoria capaz de abranger esses dois simultaneamente; ou então: é a unidade maior que está implícita *na relação* que há entre os dois.

Tal forma de conceber não esteve ausente na história do pensamento ocidental, apenas nunca de modo dominante; constitui de certa forma uma corrente marginal – embora formada apenas de “astros” da maior grandeza. O primeiro a mencionar é Heráclito de Éfeso (ca. 550-480 AC): *em Heráclito o Tao se chama Logos*. Foi partindo dele que esse vocábulo adentrou a filosofia grega para emergir mais tarde, entre outros lugares, na abertura do Evangelho de João.

Outro luminar dessa linha (que bem merece ser mais conhecido) é Nicolau de Cusa (1401-1464), cujo poderoso pensamento avança até divisar a coincidência dos opostos (*coincidentia oppositorum*). (STEINER 1977; YOCKEY 1993)

⁴ Uma excelente síntese sobre o taoísmo se encontra em BLOISE 2000.

O nome seguinte (pelo menos entre os de grandeza intelectual comparável) é o de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). A concepção goethiana de metamorfose pelo jogo entre expansão e contração diz *precisamente* a mesma coisa que a visão taoísta do yin e yang, ainda que sua aplicação tenha sido inovadora. (Para conhecê-la, ver entre outros GOETHE 2005; STEINER 1984; 2004).

Já vi tentarem apresentar Goethe como epítome da grandeza do pensamento ocidental – mas como, se no Ocidente o seu é um pensamento de exceção? Goethe atingiu a grandeza que atingiu justamente por *ir além* da ocidentalidade e tornar-se universal – o que é tão bem simbolizado no título que deu a um livro de 1819: *Westöstlicher Divan*, algo como *Divã Ocidentoriental*. Puro *convívio!*

DO PLURALISMO AO CONVÍVIO: CONCEITUAÇÃO E ABRANGÊNCIA

Só em 1996 comecei a usar a palavra “convívio” nas definições do meu trabalho (cf. 1.9.2), mas em todo tempo em que falei de “pluralismo” era da mesma coisa que falava. A opção pela palavra “convívio” se deu pelo fato de ela servir de referência comum tanto a este campo de teorização quanto a uma práxis pedagógica onde “convívio” se refere também à forma e meio concretos da educação.

Não que sejam precisamente a mesma coisa: **convívio é um modo de vida; pluralismo é a atitude que permite esse modo de vida** – permite, viabiliza, propicia, visa garantir – “pois, ao possibilitar a associação com os diferentes, tem o poder de tornar úteis até mesmo propostas que sozinhas seriam mancas, enquanto que sua ausência torna insuficientes frente à complexidade do mundo, e portanto patogênicas, até as propostas mais brilhantes e potencialmente salutíferas”.⁵

A palavra é tomada diretamente de seu uso brasileiro (falta investigar se o uso propriamente português é o mesmo), pois para os romanos *convivium* se referia a uma orgia alimentar.⁶ Com certeza nosso conceito não pode ser esse, pois uma orgia alimentar gera muito mais morte do que vida – mas permanece o fato do *alimentar-se juntos*, para o qual a língua latina contém duas lindas palavras: *communio* (comunhão) e *compânia* (companheiro: *o que come pão junto comigo*) – talvez não por acaso, esta do latim vulgar.

⁵ Esse trecho foi registrado nas notas para este capítulo já há um bom tempo *e já entre aspas*, mas hoje não consigo recuperar a razão disso: reconheço claramente a autoria, mas se já foi publicado antes não estou conseguindo identificar onde foi!

⁶ Devido a isso Ivan Illich teve seus problemas ao lançar a palavra “convivialidade”, em 1972. (Mais em 1.9.2).

Isso é particularmente significativo na frente desta forma de pensar: na nossa experiência, a educação legitimamente convivial só começa quando um grupo discute um assunto ao redor da mesa em que está se alimentando – e de preferência *não* em refeições especiais, e sim no partilhar do mero pão cotidiano (e do mero líquido usual nas refeições cotidianas do lugar – no nosso caso geralmente café, e não vinho como nas regiões mediterrâneas). Também é interessante o quanto o *sentar em torno* parece fazer diferença: nunca conseguimos o mesmo efeito com a chamada “refeição americana”, em que o círculo se desfaz para comer.

Voltando à concepção geral de convívio, como defini-lo ou caracterizá-lo? Tenho tentado assim: **“Vivermos bem na presença uns dos outros sem termos que perder as nossas diferenças”** (RICKLI 2008a:2.2).

Ou um pouco mais complexo e completo: *Chamamos de convívio o estado em que os diferentes vivem lado a lado, cada um satisfatoriamente para si, sem tentar suprimir as diferenças um do outro, e sim eu tendo absoluto respeito pelo outro como um sujeito de tão pleno direito e dignidade intrínseca quanto eu. No convívio pode haver interação, desde que não forçada por uma das partes, e pode acontecer inclusive redução das diferenças e/ou assimilação de traços do outro, desde que voluntária, isto é: que seja do outro a iniciativa de se modificar, jamais forçada ou induzida por qualquer meio que viole de qualquer modo e em alguma medida o livre arbítrio da consciência do outro.*⁷

Deve ser necessariamente explicitado, ainda como parte desta mesma caracterização: *este conceito de convívio se aplica de modo prático aos campos **intra-pessoal** (psicológico), **inter-pessoal** (social ou político, seja em escala micro, meso ou macro) e **inter-específico** (ecológico), e pode ser aplicado de modo especulativo ao campo cosmológico e/ou teológico (como se pode ver no Apêndice IV).*

O CONVIVALISMO, O ENTENDIMENTO STEINERIANO DE CRISTO E A FILOSOFIA RELACIONAL DE MARTIN BUBER

Falta ainda trazer ao diálogo o pensador que é de certa forma o patrono do curso Pedagogia da Arte da Paz, na medida que este se vale de sua Pedagogia Waldorf como seu instrumento principal: Rudolf Steiner.

Steiner expressa este campo em uma linguagem de caráter *mítico* – isto é: num relato em que as diferentes forças em questão aparecem representadas por personali-

⁷ Observe-se que por esta conceituação a quase totalidade da propaganda já deve ser entendida como violência!

dades antropomórficas (com isto não estou pondo em discussão o quanto há de objetivo na caracterização steineriana dessas personalidades, apenas fazendo uma caracterização técnica do tipo de relato). Dentro disso, a humanidade aparece mais ou menos como objeto de disputa entre duas forças unilaterais: Lúcifer e Áriman. Nenhuma delas representa o Bem – mas ao mesmo tempo nenhuma delas pode ser eliminada. Isso porque, por um lado, cada uma delas é responsável por determinadas funções indispensáveis à existência da Terra e da humanidade, e por outro lado porque suprimir uma força seria permitir a unilateralidade da outra. – Vemos que há aí, portanto, uma dinâmica análoga à descrita pelo taoísmo, porém sugiro que *não* se tente uma identificação de Lúcifer e Áriman com yin e yang, o que seria demasiado simplista.

No relato de Steiner há ainda um personagem que representa o Terceiro Incluído – a força que permite integrar os influxos de Lúcifer e de Áriman em um projeto total maior, que é um projeto de *evolução*, enquanto cada um deles sozinho representa uma fixação em determinado estado, uma paralisia da evolução. Este Terceiro Incluído-Inclusor é identificado com Cristo em sua personalidade cósmica – embora também apareça muitas vezes na forma do arcanjo Micael, como seu representante em determinados enredos específicos.

E é fazendo uso desses elementos que Steiner faz sua caracterização do *pluralismo* – não chega a usar essa palavra, mas é inequivocamente disso que está falando – que é provavelmente a mais densamente poética, emocionada e emocionante que conheço. Ela procede – não por acaso – de um ciclo de conferências chamado *O aspecto interior do quebra-cabeças social*:⁸

Assim fala hoje o Cristo aos que querem ouvir: “Em tudo o que pensa o menor de teus irmãos, deves reconhecer que Eu estou pensando dentro dele, e que meu sentimento está unido ao teu sempre que relaciones o pensamento de outro com o teu próprio, sempre que sintas um fraternal interesse pelo que se passa na alma da outra pessoa. Qualquer opinião, qualquer atitude frente à vida que descubras no menor de teus irmãos, dentro deles é a Mim que estás buscando”. Assim fala o Cristo à nossa vida pensante, ele que quer revelar-se de um modo novo – e o tempo para isso se aproxima – ao ser humano do século XX. (...) Não encontraremos o Cristo se permanecermos egoisticamente envoltos em nossos próprios pensamentos, mas somente se relacionarmos nossos próprios pensamentos com os pensamentos das outras pessoas, se expandirmos nosso interesse até uma tolerância interior frente a tudo o que é humano. (STEINER 1989)

Frente à profunda emoção que confesso sentir diante de uma compreensão de Cristo como a expressa nessas linhas – que é semelhante à que sinto diante da com-

⁸ *Der innere Aspekt des sozialen Rätsels*, GA 193 (STEINER 1989). Não foram encontradas referências a alguma tradução da obra em português; a deste fragmento foi realizada por mim. O livro conta ainda com um subtítulo que faz referência ainda ao predomínio da tentação luciférica no passado da humanidade e ao da tentação arimânica no futuro.

preensão de Cristo atingida por Dostoiévski – poder-se-ia perguntar por que não optei por expressar a Filosofia do Convívio na linguagem steineriana; e a razão é a seguinte:

A primeira frase do mais clássico dos livros do taoísmo, o Tao Te Ching, é: “O Tao que pode ser nomeado não é o verdadeiro Tao”.⁹ Há com certeza inúmeras formas de interpretar essa frase, mas a que interessa no momento remete ao problema de que quando damos nome a algo geramos em nós uma idéia para representar esse algo, e logo passamos a nos relacionar com essa idéia como se fosse o “algo” real – o que pode resultar profundamente enganoso e *danoso* quando se está tratando justamente daquilo que abrange a todos, e de que tudo mais é parte – pois **que uma parte reivindique que, quando fala, é o todo que está se expressando através dela, essa foi sempre a receita mais segura para a destruição do convívio e da paz.**

A questão se torna ainda mais delicada ainda quando se liga a esse algo inefável um nome com realidade histórica, como “Cristo”. Seria *extremamente* trabalhoso primeiro ensinar toda a compreensão que Rudolf Steiner tem de Cristo, para depois passar a designar assim um fenômeno cuja compreensão está ao alcance de todos pela experiência imediata – e ainda assim nunca estaríamos seguros de que a compreensão desse discurso esotérico não fizesse freqüentes curtos-circuitos com a idéia *exotérica* de Cristo, gerando o engano de que estivéssemos defendendo o cristianismo *histórico* como representante do Caminho do Convívio – ou seja, a mesma força que queimou milhões de pessoas nas fogueiras da Inquisição, ou que, em outra de suas formas, *neste mesmo momento* pede a Deus em suas igrejas que venha logo a grande batalha *física* de Armagedom, em que *exércitos humanos com armas* seriam ajudados por Deus a destruir outros povos humanos como condição necessária para que Deus então imponha a paz.

Minha posição tem sido de que a compreensão esotérica de Cristo só se mantém autêntica enquanto *permanece* esotérica – isto é, reservada, quase que secreta – e inevitavelmente se degrada quando passa a ser falada em aberto. Não é sem razões que os judeus chegam a proibir a pronúncia do nome que atribuem ao Eterno! Em outras palavras: não estou propondo um banimento do nome Cristo, e sim sugerindo que seja reservado para a devoção pessoal, interior, de quem por uma caminho ou por outro aprendeu a sentir *nesse* nome, entre todos os possíveis, a ressonância do Eterno.

⁹ LAO-TSÉ 1976; 1976.

Inquirido uma vez por uma amiga sobre por que eu não escrevia sobre Cristo em meu trabalho poético, respondi com o seguinte poema (1985, inédito):

XPT1

e de Ti, que falarei? e com que nome
que não haja
de sangue sido manchado?

roubaram teu nome, meu mestre,
e como escrever-te um poema
de pura luz?

Em esboços de 2006 – de um trabalho inacabado e igualmente inédito – abordei do seguinte modo o trecho de Rudolf Steiner transcrito acima: *levada às suas últimas conseqüências, essa mesma compreensão de Cristo terminará implicando no sacrifício das formas com que o cristianismo veio até nós, como se de um casulo, uma roupa de criança que já não serve mais.*

O texto de Steiner diz: “Cristo fala à nossa vida pensante” e “quer revelar-se de um modo novo ao ser humano do século XX”. Essas palavras foram pronunciadas em 1919. Será por acaso que uma obra publicada quatro anos depois, escrita por um filósofo judeu, tenha sido acolhida como uma explosão de luz pelos representantes mais avançados da teologia cristã no século XX? Falo da obra *Eu e Tu*, de Martin Buber, que institui o que pode ser chamado uma Filosofia da Relação.¹⁰

Foi por caminhos diferentes dos de Buber, sem havê-lo lido, e além disso numa luta cotidiana anônima, quase secreta, que fui pouco a pouco construindo as formulações da Filosofia do Convívio – mas o resultado a que cheguei não diverge do de Buber sequer em um “a”. Não é idêntico porque, por um lado, os campos enfocados coincidem em grande parte mas não em tudo, mas sobretudo porque não tenho nenhuma pretensão de me ver na mesma altura de Buber. Tento emitir a nota que posso, no meu lugar, e me alegro se ela soa harmônica com a de um instrumento tão maior e mais potente como é o de Buber. Não é preciso que as notas estejam em nível comparável: basta a alegria de, nessa harmonia, poder vivenciar alguns momentos de luminoso *convívio* espiritual.

As notas de 2006 dizem ainda: *Posso traduzir o dito aí por Rudolf Steiner como “Cristo agora quer ser conhecido pelo nome Convívio” – ou, talvez melhor, como o potencial de convívio: a força que existe em nós (e talvez em tudo) que possibilita **a articulação de partes de modo a formar todos sem perda de suas individualidades.***

¹⁰ Ver p.ex. a introdução de Newton Aquiles von Zuben em BUBER 2006.

Com todo respeito aos amigos que preferem continuar chamando-a de Cristo mesmo em público (desde que não o façam de modo impositivo, pois se não já não é da mesma força que estamos falando), foi essa a opção que fiz quanto ao modo de me referir em meu trabalho público a essa Força Universal.¹¹

REFERÊNCIAS

- BLOISE, Paulo V. **O Tao e a psicologia**. São Paulo: Angra, 2000.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Introdução e tradução de Newton Aquiles von Zuben. 10. ed., rev. São Paulo: Centauro, 2006.
- GOETHE, J.W. von. **Poemas**. Edição bilingüe com seleção, versão portuguesa e notas de Paulo Quintela. Coimbra: Centelha, 1986.
- _____. **A metamorfose das plantas**. 4.ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2005.
- LAO-TSÉ. **O livro do caminho perfeito (Tao Te Ching)**. Tradução, adaptação, prefácio e comentários de Murillo Nunes de Azevedo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. **Tao Te King**. Tradução e notas de Huberto Rohden. São Paulo: Fundação Alvorada, 1976.
- MORIN, Edgar. **Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia (orgs). **Stéphane Lupasco, o homem e a obra**. São Paulo: Triom, 2001.
- RICKLI, Ralf. **Bendito eixo no bendito caos, ou: em busca de um critério para o caos-de-critérios atual**. Santos: Trópis, 2007 (a). Acesso em 31.08.2009. Disponível em <<http://www.tropis.org/biblioteca/eixo-no-caos.zip>> e <_____.html>.
- _____. **Pedagogia do Convívio: na invenção de um viver humano**. Santos: Trópis, 2007 (b). Disponível também em <<http://www.tropis.org/biblioteca/pc08-integridade.doc>>
- _____. **Liberdade socialmente sustentável: uma introdução à Filosofia do Convívio e a algumas das suas aplicações**. São Paulo: Trópis, 2008 (a). Disponível também em <<http://www.tropis.org/biblioteca/libsocsus.doc>>
- _____. **Manifesto do pluralismo radical** (1. ed.) / **Manifesto do reencantamento do mundo** (5. ed). São Paulo: Trópis, 2008 (b). Disponível também em <<http://www.tropis.org/biblioteca/torpedos.html#plurs>>
- _____. **Aos que podem salvar o mundo: a Filosofia e Pedagogia do Convívio e seu apelo por uma nova consciência & arte dos pais**. Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil “Pedagogia da Arte da Paz”. Universidade de Santo Amaro (UNISA), São Paulo, nov.2009. Também em Biblioteca Virtual Trópis, <www.tropis.org/biblioteca/aosquepodemsalvaromundo.pdf>
- STEINER, Rudolf. **Die Mystik im Aufgange des neuzeitlichen Geisteslebens**. GA 7. Edição de bolso. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1977.
- _____. **A obra científica de Goethe**. GA 1. São Paulo: Antroposófica, 1984.
- _____. **Der innere Aspekt des sozialen Rätsels: luziferische Vergangenheit und ahrimanische Zukunft**. 4. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag: 1989
- _____. **O método cognitivo de Goethe**. GA 2. 2. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2004.
- YOCKEY, James Francis. **Meditações com Nicholas de Cusa**. São Paulo: Gente, 1993.

¹¹ O tema final deste capítulo reaparece em nossas Considerações Finais e no Apêndice IV, com que o conjunto do trabalho se conclui.